





# O desaparecimento de Stephanie Mailer



Joël Dicker

O desaparecimento  
de Stephanie Mailer

Tradução de José Mário Silva

ALEAGUARA  


# ALFAGUARA



O DESAPARECIMENTO DE STEPHANIE MAILER

Título original: *La Disparition de Stephanie Mailer*

Copyright © 2018 Joël Dicker

© desta edição:

2018, Penguin Random House,  
Grupo Editorial Unipessoal, Lda.

Av. Duque de Loulé, 123

Edf. Office 123 — Sala 3.6

1069-152 Lisboa

correio@penguinrandomhouse.com

Tradução: José Mário Silva

Revisão: Inês Guerreiro

Paginação: Segundo Capítulo

Capa: adaptação de Teresa Coelho

sobre fotografia inspirada na obra original

de E. Hopper *Morning Sun* (Columbus Museum os Art)

Fotografia do autor: © Valery Wallace Studio

1.ª edição: Junho de 2018

ISBN: 978-989-665-588-4

**Alfaguara é uma chance de:**

Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

Este livro não pode ser reproduzido, no todo ou em parte, por qualquer processo mecânico, fotográfico, electrónico ou por meio de gravação, nem ser introduzido numa base de dados, difundido ou de qualquer forma copiado para uso público ou privado, além do uso legal como breve citação em artigos e críticas, sem a prévia autorização por escrito do editor.

## Sobre os acontecimentos de 30 de Julho de 1994

Apenas as pessoas que conhecem bem a região de Hamptons, no Estado de Nova Iorque, tiveram conhecimento do que se passou a 30 de Julho de 1994 em Orphea, uma pequena cidade balnear para gente endinheirada.

Nessa noite, Orphea inaugurava o seu primeiro festival de teatro, e o evento, de alcance nacional, atraía um público significativo. A partir do fim da tarde, os turistas e os habitantes locais começaram a concentrar-se na rua principal para assistir às numerosas festividades organizadas pela autarquia. Os bairros residenciais estavam vazios, com um aspecto de cidade-fantasma: nem transeuntes nos passeios, nem casais sob os alpendres, nem crianças a andar de patins na rua, ninguém nos jardins. Toda a gente estava na rua principal.

Por volta das oito da noite, no bairro totalmente deserto de Penfield, o único vestígio de vida era um automóvel que percorria lentamente as ruas abandonadas. Ao volante, um homem perscrutava os passeios, com laivos de pânico nos olhos. Nunca se sentira tão sozinho no mundo, sem ninguém que o pudesse ajudar. Já não sabia o que fazer. Procurava desesperadamente a sua mulher, que saía para uma corrida e não voltara.

Samuel e Meghan Padalin faziam parte dos raros habitantes que decidiram ficar em casa na primeira noite do festival. Não tinham conseguido entradas para a peça de abertura, porque a bilheteira fora tomada de assalto, e a ideia de participar nas celebrações populares da rua principal e da marina não os atraía minimamente.

Ao fim do dia, Meghan partira à hora do costume, cerca das 18h30, para o seu jogging. Com a excepção do domingo, dia em que concedia ao corpo um pouco de descanso, ela efectuava o mesmo percurso todas as tardes da semana. Partia de sua casa e subia a rua Penfield até Penfield Crescent, que formava um semi-círculo à volta de um pequeno parque. Ali, parava de correr e fazia uma série de exercícios sobre a relva — sempre iguais —, regressando depois pelo mesmo caminho. Esta volta demorava exactamente três quartos de hora. Por vezes cinquenta minutos, se decidisse prolongar os exercícios. Mas nunca mais do que isso.

Às 19h30, Samuel Padalin estranhou que a sua mulher ainda não tivesse regressado a casa.

Às 19h45, começou a inquietar-se.

Às 20h00, pôs-se a andar de um lado para o outro na sala de estar.

Às 20h10, não aguentando mais, pegou finalmente no carro para percorrer as ruas do bairro. Pareceu-lhe que seguir o percurso habitual de Meghan seria a forma mais lógica de proceder. E foi o que fez.

Entrou na rua Penfield, subiu-a até Penfield Crescent, onde estacionou. Eram 20h20. Não havia viva alma. Parou um instante para observar o parque, mas também ali não viu ninguém. Foi ao ligar novamente o motor que se apercebeu de uma forma sobre o passeio. Pensou que seria um monte de roupa,



antes de perceber que se tratava de um corpo. Saiu a correr do carro, com o coração aos pulos: era a sua mulher.

À polícia, Samuel Paladin disse que acreditou num desmaio, por causa do calor. Temeu uma crise cardíaca. Mas, ao aproximar-se de Meghan, viu o sangue e o buraco na parte de trás do crânio.

Pôs-se a gritar, a pedir ajuda, não sabendo se devia ficar junto à mulher ou ir bater à porta das casas próximas, para que alguém chamasse os meios de socorro. Tinha a visão turva, as pernas bambas. Os gritos acabaram por alertar um morador numa rua paralela, que ligou para as emergências.

Alguns minutos mais tarde, a polícia isolava o bairro.

Foi um dos primeiros agentes a chegar que, ao estabelecer o perímetro de segurança, reparou na porta da casa do presidente da câmara, junto à qual estava o corpo de Meghan. A porta entreaberta. Aproximou-se, intrigado. Constatou que fora arrombada. Pegou na arma, trepou de um salto os degraus da entrada e anunciou a sua presença. Não obteve qualquer resposta. Empurrou a porta com o pé e viu o cadáver de uma mulher, estendido no corredor. Chamou imediatamente reforços, antes de avançar lentamente pela casa, arma na mão. À direita, num pequeno salão, descobriu com horror o corpo de um rapaz. Depois, na cozinha, encontrou o presidente da câmara, numa poça do seu próprio sangue.

A família inteira fora massacrada.



# Primeira Parte

NOS ABISMOS



7

DESAPARECIMENTO DE UMA JORNALISTA

*Segunda-feira, 23 de Junho — Terça-feira, 1 de Julho, 2014*



---

## JESSE ROSENBERG

Segunda-feira, 23 de Junho, 2014  
*33 dias antes da estreia do 21.º festival de teatro  
de Orphea*

A primeira e última vez que vi Stephanie Mailer foi quando ela se intrometeu numa pequena festa organizada para assinalar a minha saída da polícia do Estado de Nova Iorque.

Nesse dia, uma multidão de agentes de todas as brigadas reunira-se quando o sol estava a pique, diante de um estrado de madeira que só era montado em grandes ocasiões, no parque de estacionamento do centro regional da polícia. Eu mantinha-me de pé, lá em cima, junto ao major McKenna, meu superior hierárquico ao longo de toda a carreira, que me prestava agora a sua homenagem.

«Jesse Rosenberg é um jovem capitão, mas está visivelmente com pressa para sair daqui», disse o major, provocando risos na assembleia. «Nunca pensei que se fosse embora antes de mim. Parece-me que a vida está um bocado mal feita: toda a gente gostaria que eu me reformasse, mas continuo; e toda a gente gostaria que o Jesse ficasse, mas ele é que vai partir.»

Eu tinha 45 anos e o meu estado de espírito, ao deixar a polícia, era sereno e feliz. Após 23 anos de serviço, decidira ficar

com a pensão a que tinha direito, libertando-me para concretizar um projecto com que sonhava há muito tempo. Faltava-me só uma semana de trabalho, até 30 de Junho. Depois, abria um novo capítulo da minha vida.

«Lembro-me bem do primeiro grande caso do Jesse», continuou o major. «Um quádruplo homicídio absolutamente terrível, que ele conseguiu resolver, quando ninguém na brigada acreditava que isso fosse possível. Na altura, era ainda um jovem agente. Mas a partir daquele momento, todos compreendemos de que massa é feito. Quem com ele privou sabe que se trata de um investigador excepcional. Creio até poder afirmar que foi o melhor que alguma vez tivemos. Baptizámo-lo *capitão 100%* por ter resolvido todos os casos em que participou, o que faz dele um investigador único. Polícia admirado pelos seus colegas, especialista em quem se pode confiar, instrutor da Academia durante longas temporadas. Sabes uma coisa, Jesse? Há 20 anos que todos te invejamos!»

Voltaram os risos à assembleia.

«Não chegámos a compreender muito bem em que consiste ao certo o novo projecto que te espera, mas desejamos-te toda a sorte para esse empreendimento. Fica a saber que nos farás falta. Farás falta à polícia, mas sobretudo farás falta às nossas mulheres, que passavam as quermesses da polícia a devorar-te com os olhos.»

Uma torrente de aplausos coroou o discurso. O major deu-me umas pancadinhas nas costas e eu desci do palco para saudar todos os que fizeram questão de estar presentes, antes que eles se precipitassem na direcção do *buffet*.

Quando estava momentaneamente só, fui abordado por uma mulher muito bela, na casa dos trinta, que não me lembrava de alguma vez ter visto.



— É então você o famoso *capitão 100%*?, perguntou-me com um tom sedutor.

— Parece que sim, respondi, com um sorriso. Já nos conhecemos?

— Não. Chamo-me Stephanie Mailer. Sou jornalista do *Orphea Chronicle*.

Cumprimentámo-nos com um aperto de mão. Foi então que Stephanie me disse:

— Ficaria incomodado se o tratasse por *capitão 99%*?

Ergui as sobrancelhas:

— Está a insinuar que eu afinal não resolvi uma das minhas investigações?

Sem dizer mais nada, tirou da sua mala a fotocópia de um recorte de imprensa do *Orphea Chronicle*, com data de 1 de Agosto de 1994, e passou-ma para as mãos:

*HOMICÍDIO QUÁDRUPLO EM ORPHEA:*

*ASSASSINADOS O PRESIDENTE DA CÂMARA E A SUA FAMÍLIA*

*No sábado à noite, o presidente da câmara de Orphea, Joseph Gordon, a sua mulher, e o seu filho de dez anos, foram abatidos dentro de casa. A quarta vítima chama-se Meghan Padalin, de 32 anos. A jovem mulher, que fazia jogging à hora do crime, terá sido certamente testemunha do que aconteceu. Foi baleada em plena rua, diante da residência do presidente da câmara.*

A ilustrar o artigo, havia uma foto em que eu aparecia junto ao meu companheiro nessa época, Derek Scott, os dois no local do crime.

- Onde é que pretende chegar com isto?, perguntei-lhe.  
— Não resolveu este caso, capitão.  
— Como assim?  
— Em 1994, enganou-se quanto ao culpado do crime.

Julguei que gostasse de o saber antes de deixar a polícia.

Pensei que se tratasse de uma brincadeira de mau gosto dos meus colegas, antes de perceber que Stephanie falava muito a sério.

- Fez a sua própria investigação?, interroguei-a.  
— De certa maneira, capitão.  
— *De certa maneira?* Vai ter de explicar-se melhor se quiser que eu acredite em si.

— Estou a dizer a verdade, capitão. Daqui a nada vou ter um encontro que me vai permitir, em princípio, obter uma prova irrefutável.

- Um encontro com quem?  
— Capitão, disse-me ela com um tom divertido, eu não sou uma principiante. Este é o tipo de furo que um jornalista não corre o risco de perder. Prometo partilhar as minhas descobertas consigo no momento apropriado. Até lá, queria pedir-lhe um favor: uma autorização para aceder ao processo da polícia estadual.

— Chama a isso um favor? Eu chamo-lhe chantagem!, retorqui. Comece por me mostrar a sua investigação, Stephanie. As alegações que faz são muito graves.

— Tenho consciência disso, capitão Rosenberg. E, justamente, não quero ver o meu trabalho a ser engolido pela polícia estadual.

— Sou obrigado a recordar-lhe que tem o dever de partilhar todas as informações sensíveis em sua posse com a polícia. Está na lei. Em último caso, farei buscas no seu jornal.

Stephanie pareceu desiludida com a minha reacção.

— É uma pena, *capitão* 99%. Pensei que isto o pudesse interessar, mas já deve estar com a cabeça na reforma e nesse novo projecto de que o major falou no seu discurso. De que se trata? Reparar um velho barco?

— Não tem nada a ver com isso, respondi-lhe secamente.

Ela encolheu os ombros, dando a entender que se iria embora. Eu tinha a certeza de que era *bluff*, e efectivamente ela estacou, após alguns passos, virando-se para mim:

— A solução estava mesmo debaixo dos seus olhos, capitão Rosenberg. Acontece que não a viu.

Fiquei ao mesmo tempo perplexo e irritado.

— Não tenho a certeza de estar a perceber, Stephanie.

Ela levantou a mão e colocou-a à altura dos meus olhos.

— O que vê, capitão?

— A sua mão.

— Estava a mostrar-lhe os meus dedos, corrigiu ela.

— Mas o que eu vejo é a sua mão, respondi, sem compreender onde queria chegar.

— É precisamente esse o problema. Viu o que queria ver, e não aquilo que lhe mostravam. Foi isso que falhou há 20 anos.

Estas foram as suas últimas palavras. Depois partiu, deixando-me com o seu enigma, um cartão de visita e a fotocópia do artigo.

Durante o *buffet*, avisei Derek Scott, o meu antigo companheiro, que vegetava agora no seio da brigada administrativa, e logo que pude fui ter com ele para lhe mostrar o recorte de imprensa.

— Continuas com a mesma cara, Jesse, disse-me ele com um sorriso, ao analisar, divertido, aquela velha peça de arquivo. O que queria essa miúda?

— É uma jornalista. Segundo ela, enganámo-nos em 1994. Diz que passámos ao lado do essencial na investigação e que não culpámos a pessoa certa.

— O quê?, engasgou-se Derek, mas isso não faz sentido nenhum.

— Eu sei.

— Quais foram exactamente as palavras dela?

— Que a resposta se encontrava debaixo dos nossos olhos e que não fomos capazes de a ver.

Derek ficou apreensivo. Parecia perturbado, como eu, mas decidiu afastar essa ideia.

— Não acredito nisso nem um bocadinho, acabou por resmungar. É só uma jornalista de segunda categoria que se quer promover à nossa custa.

— Talvez, respondi-lhe, meio abstraído. Ou talvez não.

Varrendo com o olhar o parque de estacionamento, observei Stephanie a entrar no seu automóvel. Acenou-me e gritou: «Até depois, capitão Rosenberg.»

Mas não houve um «depois».

Porque aquele foi o dia do seu desaparecimento.

---

## DEREK SCOTT

Lembro-me bem do dia em que toda esta complicação começou. Foi no sábado, 30 de Julho de 1994.

Nessa noite, eu e o Jesse estávamos de serviço. Tínhamos parado para jantar no *Blue Lagoon*, um restaurante da moda onde Darla e Natasha trabalhavam como empregadas de mesa.

Naquela época, o Jesse vivia com a Natasha há já alguns anos. A Darla era uma das suas melhores amigas. Elas queriam abrir um restaurante juntas e dedicavam grande parte do seu tempo a esse projecto: encontraram um sítio e procuravam agora obter as licenças de trabalho. À noite e ao fim-de-semana, garantiam o serviço no *Blue Lagoon*, pondo de lado metade do que ganhavam para investir no seu futuro estabelecimento.

No *Blue Lagoon*, elas teriam preferido trabalhar na gerência do restaurante, ou na cozinha, mas o proprietário dizia-lhes: «Com o vosso palminho de cara e o vosso bonito rabiosque, têm é de estar na sala. E não se queixem, porque ganham muito mais em gorjetas do que ganhariam na cozinha.» Neste último aspecto, não mentia: muitos clientes vinham ao *Blue Lagoon* unicamente para serem servidos por Darla e Natasha. Elas eram bonitas, simpáticas, sorridentes. Tinham tudo a seu favor. Não havia qualquer dúvida sobre o sucesso do futuro restaurante que montassem e toda a gente já falava disso.

Darla era solteira. Depois de a conhecer, confesso que só conseguia pensar nela. Insistia muitas vezes com o Jesse para irmos ao *Blue Lagoon* quando a Natasha e a Darla lá estavam, para tomarmos café com elas. E quando as raparigas se reuniam em casa do Jesse para trabalharem no seu projecto de restaurante, eu fazia-me convidado para tentar as minhas manobras de charme junto de Darla, que nem sempre resultavam lá muito bem.

Por volta das oito e meia, nessa famosa noite de 30 de Julho, eu jantava com o Jesse no bar, enquanto conversávamos alegremente com a Natasha e a Darla, que andavam por ali. De repente, o meu bip e o do Jesse começaram a tocar em simultâneo. Olhámos um para o outro com ar de caso.

— Se os dois bips tocam ao mesmo tempo, é porque deve ser grave, disse a Natasha.

Apontou para a cabina telefónica do restaurante e para o aparelho que estava pousado no balcão. Jesse dirigiu-se para a cabina, enquanto eu optei pelo telefone mais próximo. Ambas foram chamadas breves.

— Há um alerta geral para um quádruplo homicídio, expliquei a Natasha e Darla, depois de desligar e enquanto me precipitava para a porta de saída.

Jesse vestia o casaco.

— Despacha-te lá com isso, repreendi-o. A primeira unidade da brigada criminal a chegar é que toma conta da investigação.

Na altura, éramos novos e ambiciosos. E eis que surgia a oportunidade de fazermos juntos a nossa primeira investigação importante. Eu era um polícia mais experiente do que o Jesse e chegara já a sargento. Os superiores hierárquicos gostavam muito de mim. Toda a gente dizia que eu tinha uma carreira promissora pela frente.

---

Corremos rua acima até ao nosso veículo e entrámos à pressa, eu ao volante, o Jesse no lugar do pendura.

Arranquei a acelerar e o Jesse pegou na lâmpada de luz giratória, prendendo-a, através da janela aberta, ao tejadilho do nosso automóvel descaracterizado, iluminando a noite com um brilho vermelho.

Foi assim que tudo começou.





---

## JESSE ROSENBERG

Quinta-feira, 26 de Junho, 2014

*30 dias antes da estreia*

Imaginei que a minha última semana enquanto polícia seria passada a deambular pelos corredores e a beber café com os colegas, em jeito de despedida. Mas nos últimos três dias enfiara-me de manhã até à noite no meu gabinete, mergulhado no dossier da investigação ao quádruplo homicídio de 1994, que recuperara dos arquivos. A visita de Stephanie Mailer perturbarame. Não conseguia deixar de pensar naquele artigo de jornal e sobretudo na frase que me lançou: «A solução estava mesmo debaixo dos seus olhos. Acontece que não a viu.»

Mas parecia-me que tínhamos visto tudo o que havia para ver. Quanto mais virava e revirava o dossier, mais convencido ia ficando de que se tratara de uma investigação sólida, das melhores que levei a cabo na minha carreira: não faltavam quaisquer elementos, as provas contra o homem apontado como sendo o assassino eram esmagadoras. Trabalhámos, o Derek e eu, com um rigor e uma minúcia implacáveis. Em todo o processo, não era capaz de encontrar uma só falha. Sendo assim, como poderíamos ter apontado o dedo ao homem errado?

(...)

— Estamos preocupadíssimos, capitão Rosenberg, disseram-me em uníssonos Trudy e Dennis Mailer, os pais de Stephanie, na sala da sua casa impecavelmente decorada, em Sag Harbor.

— Telefonei à Stephanie na manhã de segunda-feira, explicou Trudy. Disse-me que estava numa reunião de redacção, no jornal, e que depois me ligaria. Nunca o chegou a fazer.

— A Stephanie liga sempre, assegurou Dennis.

Compreendi logo porque razão os Mailer irritaram a polícia. Para eles, tudo assumia uma dimensão dramática, mesmo o café que recusei ao chegar:

— Não gosta de café?, desesperou Trudy.

— Prefere talvez uma chávena de chá?, propôs logo Dennis.

Quando consegui finalmente captar a atenção deles, coloquei-lhes algumas questões preliminares. Stephanie tinha algum tipo de problemas? Não, responderam categóricos. Drogas? Nunca. Tinha noivo? Namorado? Ninguém de que eles tivessem conhecimento. Haveria um motivo para que desaparecesse de circulação? Nenhum motivo.

Os Mailer asseguraram-me que a sua filha não lhes escondia fosse o que fosse. Mas descobri rapidamente que não era bem assim.

— Porque razão Stephanie se deslocou a Los Angeles há duas semanas?, perguntei.

— A Los Angeles?, espantou-se a mãe. Que está para aí a dizer?

— Há duas semanas, Stephanie fez uma viagem de três dias pela Califórnia.

— Não soubemos nada disso, lamentou-se o pai. E não parece nada dela, partir para Los Angeles sem nos avisar. Terá sido

em serviço, para o jornal? Ela é sempre muito discreta quanto aos artigos em que está a trabalhar.

Eu duvidava que o *Orpheus Chronicle* se pudesse dar ao luxo de enviar jornalistas em reportagem para o outro lado do país. E foi justamente a questão do seu emprego no jornal que me fez levantar mais umas quantas interrogações.

— Quando e como chegou Stephanie a Orpheus?, perguntei.

— Ela viveu em Nova Iorque nos últimos anos, explicou-me Trudy. Estudou Literatura na universidade de Notre-Dame. Desde pequena, desejava tornar-se escritora. Já publicou contos longos, dois dos quais na *New Yorker*. Depois dos estudos, trabalhou na *New York Literary Review*, mas foi despedida em Setembro.

— Por que motivo?

— Dificuldades económicas, foi o que disseram. As coisas encadearam-se rapidamente: arranjou emprego no *Orpheus Chronicle* e decidiu voltar a viver na região. Parecia contente por se afastar de Manhattan e reencontrar um cenário mais calmo.

Houve um instante de hesitação. O pai de Stephanie disse-me então:

— Capitão Rosenberg, acredite que nós não gostamos de incomodar a polícia por nada. Nunca teríamos lançado o alerta se não estivéssemos convencidos, a minha mulher e eu, de que se passa qualquer coisa de estranho. A polícia de Orpheus explicou-nos que não há qualquer elemento tangível que aponte para algo de errado. Mas, mesmo quando ia a Nova Iorque e voltava no mesmo dia, a Stephanie enviava-nos sempre uma mensagem, ou ligava no regresso para dizer que tudo corria bem. Porque razão enviaria uma mensagem ao seu chefe de redacção e não aos pais? Se ela não quisesse que nos preocupássemos, teria enviado uma mensagem também para nós.

— A propósito de Nova Iorque, aproveitei, porque vai Stephanie tão regularmente a Manhattan?

— Eu não disse que ela faz essa viagem com frequência, precisou o pai, era apenas um exemplo.

— Não, ela vai lá muito, disse eu. Por vezes nos mesmos dias e às mesmas horas. Como se tivesse um encontro regular. Que vai ela fazer?

Os Mailer não pareciam saber do que lhes estava a falar. Trudy, compreendendo que não conseguira convencer-me da gravidade da situação, perguntou:

— Já foi ao apartamento dela, capitão Rosenberg?

— Não, gostaria de o ter feito, mas a porta estava fechada e não tinha a chave.

— Quer ir lá dar uma vista de olhos agora? Talvez consiga descobrir qualquer coisa que nós não vimos.

Aceitei com o único objectivo de fechar este dossier. Uma vista de olhos em casa de Stephanie acabaria por me convencer que a polícia de Orpheia tinha razão: não havia qualquer elemento que pudesse fazer pensar num desaparecimento preocupante. Stephanie podia ir a Los Angeles e a Nova Iorque sempre que quisesse. Quanto ao seu trabalho no *Orpheia Chronicle*, podíamos perfeitamente considerar que, depois de ficar no desemprego, aproveitara uma oportunidade, enquanto esperava por um emprego melhor.

Eram 20 horas em ponto quando chegámos à entrada do prédio de Stephanie, em Bendham Road. Subimos os três até ao apartamento. Trudy Mailer entregou-me a chave para que abrisse a porta, mas quando a girei na fechadura, senti uma resistência. A porta não estava fechada à chave. Senti uma poderosa descarga de adrenalina: estava alguém lá dentro. Seria Stephanie?

Pressionei a maçaneta devagar e a porta ficou entreaberta. Fiz sinal aos Mailer para ficarem em silêncio. Empurrei

levemente a porta, que se abriu sem ruído. Vi imediatamente a desordem espalhada na sala: alguém viera procurar alguma coisa.

— Desçam, murmurei aos pais. Regressem ao vosso automóvel e esperem por mim.

Dennis Mailer fez que sim com a cabeça e levou a mulher consigo. Eu peguei na minha arma e dei alguns passos no apartamento. Estava tudo de pernas para o ar. Comecei por inspecionar a sala: as estantes caídas, as almofadas do sofá esventradas. Chamaram-me a atenção diversos objectos espalhados pelo chão, e não reparei na silhueta ameaçadora que se aproximava por trás de mim, em silêncio. Ao virar-me para ir observar o estado das outras divisões, deparei com uma sombra que me aspergiu o rosto com um spray lacrimogéneo. Os olhos ardiam, não conseguia respirar. Dobrei-me para a frente, cego. Fui atingido por um golpe.

Pano negro, perdi os sentidos.





## Joël Dicker

nasceu em Genève, Suíça, em 1985.

*O desaparecimento de Stephanie Mailer* é o seu quarto romance e será lançado pela Alfaguara em Julho de 2018.

*O Livro dos Baltimore* é o terceiro romance do aclamado autor de *A verdade sobre o caso Harry Quebert* e *Os últimos dias dos nossos pais*, todos publicados pela Alfaguara em Portugal.

Com mais de 3 milhões de exemplares vendidos em todo o mundo, o seu segundo romance, *A verdade sobre o caso Harry Quebert*, arrecadou, entre outros, o reconhecido Prémio da Academia Francesa, assim como o Prémio Goncourt des Lycéens e o prémio da revista *Lire* para melhor romance em língua francesa.

Descubra mais sobre o autor e a sua obra em:

[www.joeldicker.com](http://www.joeldicker.com)

